

EXPERIÊNCIAS DILEMÁTICAS DE PSICÓLOGOS(AS) SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO NA SUA ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Eixo Temático 12 – Educação em Sexualidade e Desenvolvimento
Humano: Pesquisas, Teorias e Práticas

Matheus Estevão Ferreira da Silva¹

RESUMO

Tem-se como objetivo identificar quais as experiências dilemáticas envolvendo a diversidade sexual e de gênero vivenciadas por psicólogos(as) em sua atuação profissional. Realizaram-se entrevistas com 06 psicólogos(as) formados(as). Os conflitos dilemáticos relatados puderam ser divididos em três principais categorias: 1) problemas provenientes do pouco conhecimento do psicólogo(a) acerca dos temas gênero e sexualidade; 2) problemas provenientes do(a) paciente ou de familiares do(a) paciente atendido acerca dos temas e público da diversidade; e 3) problemas provenientes de grupos em que o(a) paciente ou o(a) psicólogo(a) se encontra inserido. Os conflitos relatados demonstraram que é necessária uma formação sobre gênero e sexualidade continuada e ofertada desde a graduação.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; Formação do psicólogo.

INTRODUÇÃO

Trata-se da apresentação de resultados parciais de uma pesquisa concluída, desenvolvida a nível de Mestrado Acadêmico, financiada pela FAPESP. Nessa pesquisa, ressalta-se que psicólogos(as), que são profissionais da área da Saúde, prestarão atendimento ao público da diversidade sexual e de gênero, sobretudo as pessoas LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros, *queers*,

¹ Doutorando em Educação da Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus de Marília, matheus.estevao2@hotmail.com;

intersexuais e assexuais) nos mais diferentes setores em que podem atuar, desde as Psicologias Clínica e Social (MARTINS; ABADE; AFONSO, 2016), atendendo pessoas e grupos como mulheres vítimas de violência ou envolvidas com outras questões de gênero, homossexuais e transgêneros, vítimas de discriminações que ferem sua existência, ou mesmo seus parentes que necessitam de ajuda para lidarem com seus preconceitos. Podem atuar também nas Psicologias Esportiva e Organizacional, atendendo atletas ou funcionários(as) de empresas que integram esse público da diversidade, bem como acompanhar o relacionamento interpessoal desenvolvido nesses ambientes quanto aos temas em questão, e, finalmente, na Psicologia Escolar (ASSUNÇÃO; SILVA, 2018), atendendo crianças, jovens e demais atores do contexto escolar nos mesmos aspectos e, até, auxiliar no trabalho de docentes e gestores(as), lidando com as situações em que gênero e sexualidades se evidenciarão, reportadas ao(à) psicólogo(a) ali em atuação quando necessário.

Assim, esses(as) profissionais terão de julgar e intervir em situações envolvendo questões relacionadas a gênero e sexualidade, sobretudo envolvendo o público da diversidade sexual e de gênero, além de serem responsáveis pelo desenvolvimento de um trabalho que aborde ambos os temas. Considerando que temas como gênero e sexualidade culturalmente oscilam em compreensão e sua abordagem é permeada por polêmicas e resistências, inclusive por parte de profissionais em atuação na Psicologia, questiona-se se seus juízos e intervenções nessas situações estarão em consonância com a responsabilidade social e legal de sua profissão ou partirão de uma perspectiva normatizadora, meramente hedonista em relação às suas crenças e opiniões pessoais.

Quanto à formação inicial do(a) psicólogo(a) para com os temas gênero e sexualidades, essa carece de legislações e parâmetros em termos normativos. Verificando suas Diretrizes Curriculares (BRASIL, 2004; 2011), elas são genéricas e implícitas sobre ambos os temas. Ainda assim, a prática profissional em Psicologia no Brasil conta com uma resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP), a Resolução CFP n.º 001/99 de 22 de Março de 1999 (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1999), que proíbe que psicólogos(as) exerçam tratamentos de “cura” ou as chamadas “terapias de conversão/ reorientação sexual” em seus pacientes.

Algumas pesquisas recentes, embora reconheçam a importância de a formação em Psicologia contemplar gênero e sexualidades, ressaltam que constataram despreparo e insegurança de psicólogos(as) para atuarem junto ao público e temas em questão

(MARTINS; ABADE; AFONSO, 2016; ASSUNÇÃO; SILVA, 2018). Assim, nem sempre os(as) psicólogos(as) detêm uma formação adequada nesse sentido, ou se mostram disponíveis para essa formação e perspectiva de trabalho, mesmo que aprovada legalmente e com um considerável histórico de demandas democráticas que a reivindicam. A pesquisa que este trabalho decorre procura, dentro outros objetivos, debruçar-se sobre essa questão e, assim, entender os conflitos e dilemas experienciados por psicólogos(as) formados(as) e em atuação no que tange a esse público da diversidade. Sendo que tais conflitos e dilemas demandam uma formação apropriada para com os temas gênero e sexualidade e para com tal público que esses(as) profissionais deparar-se-ão.

Como recorte dessa pesquisa, tem-se como objetivo identificar quais as experiências dilemáticas envolvendo a diversidade sexual e de gênero vivenciadas por psicólogos(as) em sua atuação profissional.

METODOLOGIA

Para participação na pesquisa, foram selecionados, por critério de conveniência, 06 psicólogos(as) formados(as) e com experiência profissional para realização de entrevistas semiestruturadas. Esse procedimento teve como propósito de trazer à tona experiências dilemáticas que poderiam ter testemunhado em sua atuação profissional envolvendo as temáticas de gênero e sexualidades.

Manzini (2004) identifica a entrevista do tipo semiestruturada como uma técnica que coleta dados por meio de produções verbais e que se apoia em questionamentos básicos provenientes de teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Assim, na entrevista semiestruturada, confeccionou-se um roteiro com as principais perguntas a ser fazer ao(à) entrevistado(a), que foram complementadas por outras perguntas emergidas durante as circunstâncias momentâneas da entrevista, deixando-a mais livre e não condicionada a uma padronização.

Em função da Pandemia de COVID-19, a aplicação das entrevistas instrumentos teve de ser realizada de modo remoto. Ao invés de entrevistas presenciais, as entrevistas foram realizadas mediante encontros virtuais via *Google Meet*, em sala criada pelo pesquisador. As entrevistas tiveram duração, em média, de 20 a 50 minutos, em que os sujeitos foram questionados(as) pelo pesquisador para relatarem suas experiências,

assim como respondendo outras perguntas que surgiam à medida em que a entrevista se desenvolvia, para esclarecimento de algum caso relatado e/ou aprofundamento com mais detalhes de algum outro aspecto. Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento do(a) participante, que também assinaram um TCLE. Ao todo, foram seis sujeitos participantes.

Para início da análise dos dados, seguiu-se a recomendação de Manzini (2004) de transcrever o material gravado em um arquivo de texto, o que se fez no programa *Microsoft Word*, resultando em um relatório textual. A partir de cada relatório, respectivo à transcrição de cada entrevista, fizeram-se sucessivas leituras do material, das quais se pôde identificar e distinguir os conflitos relatados, tomando-se como referência a literatura de base consultada sobre gênero e sexualidades. Em seguida, esses conflitos foram reunidos e mapeados utilizando-se da análise estatística descritiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram vários os conflitos relatados, mesmo aqueles casos relatados que não se configuraram como dilemas morais, mas que ofereciam um contexto propício para a ocorrência de um dilema que envolvesse os temas gênero e sexualidade, e preferencialmente o público da diversidade sexual e de gênero, no âmbito da atuação profissional em Psicologia. Além disso, estes conflitos relatados partiram de diferentes contextos de atuação dos(as) entrevistados(as), em decorrência a heterogeneidade proposital da amostra, de psicólogos(as) atuantes em diferentes áreas da Psicologia.

Com os conflitos identificados, realizou-se o mapeamento de acordo com a temática envolvida, a área de atuação da Psicologia dos quais provêm, o número de vezes evocados na entrevista, a frequência em porcentagem que essa evocação representa e em qual entrevista foram evocados. A maioria das situações relatadas provêm da atuação em Psicologia Clínica e Social.

Verificou-se a evocação de 21 tipos de experiências conflituosas, organizando-as de tal modo a dif de conflitos abarcada pelos temas gênero e sexualidades, viu-se uma inclinação maior dos sujeitos participantes, e a qual se mostrou presente em todas as entrevistas, no relato de conflitos que envolvessem especificamente o público da diversidade.

Os seguintes conflitos demonstraram maior frequência de evocação: 1. Família que não aceita a orientação sexual do(a) paciente em atendimento clínico e tenta intervir

na terapia (16,13%; n=5+); 2. Pais que violentam física e/ou psicologicamente o(a) paciente em atendimento clínico em razão de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero (16,13%; n=5+); 3. Paciente com ponderações suicidas decorrentes de discriminações sofridas em razão de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero (6,45%; n=2); 4. Violência doméstica de marido contra a esposa e o filho(a) em atendimento clínico (6,45%; n=2).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências dilemáticas identificadas puderam ser divididas entre três principais categorias: 1) problemas provenientes do pouco conhecimento do psicólogo(a) acerca dos temas gênero e sexualidade; 2) problemas provenientes do(a) paciente ou de familiares do(a) paciente atendido acerca dos temas e público da diversidade; e 3) problemas provenientes de grupos em que o(a) paciente ou o(a) psicólogo(a) se encontra inserido acerca dos temas e público da diversidade.

Os dados coletados nas entrevistas evidenciaram que a diversidade sexual e de gênero faz parte do público atendido pelos(as) profissionais de Psicologia, logo, que necessitam ter suas demandas atendidas por esses(as) profissionais, que devem conhecê-las para conseguir oferecer um atendimento satisfatório e que esteja de acordo com o aspecto ético da profissão. Os conflitos relatados demonstraram que, para lidar com tais demandas, é necessária uma formação sobre gênero e sexualidade, além de continuada de acordo com sua demanda de trabalho, ofertada desde a graduação.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, M. M. Silva; SILVA, Laís R. da. Formação em psicologia e diversidade sexual: atravessamentos e reflexões sobre identidade de gênero e orientação sexual. **Pretextos**, Belo Horizonte, v. 3, n.5, p. 392-410, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. Resolução n.º 8, de 7 de maio de 2004. **Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia**. CNE/CP: Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2004.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução CFP n.º 001/99 de 22 de Março de 1999. **Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual.** CFP: Brasília, DF, 1999.

MANZINI, Eduardo. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos, 2., 2004, Bauru. **Anais...** Bauru: USC, 2004. CD-ROM, p. 1-10.

MARTINS, Alberto Mesaque; Abade, Flávia Lemos; Afonso, Maria Lúcia Miranda. Gênero e formação em Psicologia: sentidos atribuídos por estudantes à saúde do homem. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 164-184, abr. 2016.